



João Damasio

{DES}CONCERTO AO VIVO

Inspirado pelo álbum homônimo de PITY



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

{DES}CONCERTO: AO VIVO

JOÃO DAMÁSIO

uma história inspirada por

{DES}CONCERTO: AO VIVO

PITTY

SÃO PAULO, JUNHO DE 2009

1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY JOÃO DAMÁSIO
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

{DES}CONCERTO: AO VIVO

JOÃO DAMÁSIO

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E LUIZ GUILHERME COUTO PEREIRA**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Anacrônico
2. Admirável Chip Novo
3. Semana Que Vem
4. Déjà Vu
5. Brinquedo Torto
6. Memórias
7. Na Sua Estante
8. Malditos Cromossomos
9. De Você
10. No Escuro
11. Equalize
12. Pulsos
13. Ignorin'u
14. A Saideira
15. I Wanna Be
16. Seu Mestre Mandou
17. Máscara

{DES}CONCERTO: AO VIVO PITTY

LANÇAMENTO: **2007**
SELO: **DECKDISC**



OS {PUL}SOS DA ARTE

JOÃO DAMÁSIO

Ele viu que era capaz de liderar... “Não é nada demais e há sempre alguém que lidera, que puxa a plateia. Não precisa ser alguém especial”. Vendo as possibilidades e propostas ele se empolgou, pensou, pensou...

O nome dele é Piedro.

Todo mundo estava de acordo no início. Pelo menos ninguém se manifestava contra. Era uma boa ideia, mas ninguém sabia dizer se era certo ou se era bom. Mesmo assim, alguns se empenharam em ajudar, talvez fosse só mais um caso no meio da atribulada vida. E no meio desse desentendimento, surge a empolgação... quis tentar. Piedro se revelou útil.

Piedro não era perfeito. Quem é perfeito? Esse que atire, não só a primeira, como também a segunda, a terceira e a quarta pedra. Veremos se consegue derrubar pelo menos um ou se cai tantas vezes quantas jogou pedra.

O caminho parecia traçado, marcado, tudo bem calculado, foram surgindo outros personagens, outras histórias, parecia que tudo estava em sintonia, menos Piedro, que começara a se isolar além do que já estava. Mas alguém o colocou de novo na roda:

— E aí, companheiro, como é que você se chama? De onde você é? — pergunta Jorge.

— Sou Piedro, de Goiás — responde tímido Piedro.

— “Bora” pra rodinha ali! — Jorge convida esperançoso e sorridente pro

grupo de novos amigos.

— Tá! — aceita Piedro, cauteloso.

No grupo de seis jovens, Piedro adentrava tímido mas com uma ponta de orgulho, quando Jorge anunciava:

— Galera, esse aqui é o Piedro de Goiás.

— Oi — todos responderam num rápido coro.

Logo todos se aquietaram quanto a isso e se posicionavam de novo a contarem casos e rir de si mesmos.

Piedro ria também mas achava tudo meio ridículo. Então começava a sentir a empolgação de representar o estado de Goiás num evento juvenil sobre arte e cultura em âmbito nacional. O orgulho formigava enquanto ele se sentava em meio aos jovens eleitos do Brasil todo ali também.

Então chegaram mais um e outro, do Amazonas, do Acre, de São Paulo... E Piedro, ao passo que passava a conhecê-los, interagia com eles. Adicionava crenças ou conhecimentos, gírias ou tonalidades de voz, cacoetes ou costumes, modificava sua personalidade, moldava-se como era preciso ou, pelo menos, como parecia ser preciso moldar-se.

Isso acontecia com todos, o que difere Piedro é a revolta por perceber que gostava de ser mais um alienado. Mas se não fosse, seria considerado o “revolucionariozinho” tosco.

— Eu num tava nem aí. Parti pra cima do cara, coloquei ele no chão, ele foi pra casa de olho roxo! — afirma contente um menino do Rio de Janeiro.

— Lá na minha terra, eu juntei meus mano e a gente quebrô um maluco que dava em cima de minha namorada. Foi loco! Cada bicuda! Foi pro hospital.

— elevava o grau da situação, o colega de São Paulo.

— Nossa gente, vocês são doidos! Eu num gosto disso não. — afirma Maria, do Mato Grosso.

Todos atentaram à observação de Maria, alguns olharam reprimindo sua posição. Outros poucos, como Piedro, apoiaram.

Mas tudo se resumia, novamente, no jogo de palavras mórbidas ou pensamentos errantes, alguns agressivos, outros bobos e sem nexos.

Ao fim do dia Piedro ia dormir num quarto dividido com alguns dos novos colegas no hotel em Brasília: “Eu poderia sim deixar de repetir o que eles fazem e não propôr só o que eles gostariam de fazer. Eu quero fazer isso amanhã. E não serei taxado de revolucionário tosco por isso. Eu estarei com a razão...” E assim continuava a refletir até cair no sono.

Ao acordar no outro dia, tomou banho e se dirigiu ao auditório, onde ocorria o evento sobre arte e cultura. Lá, inúmeros representantes políticos compunham a mesa do palanque. Então, de um a um começaram a falar...

— Eu, na idade de vocês não tinha isso e nem aquilo... Mas hoje vocês tem.

— Quero cumprimentar o amigo Governador do Estado do Alagoas, o companheiro Representante dos Ministérios da Educação e Cultura, cumprimentar, também, o Presidente do Sindicato dos Artistas da Bahia, a Secretária Estadual de Educação do Estado do Paraná... — e isso se estendia num pleno discurso sem fim, sem calcular que após os cumprimentos de cortesia, viria uma paciente e duradoura explanação sobre tudo aquilo que todos já sabiam.

Piedro se inconformava ao ver que seus colegas todos dormiram ou saíram

do auditório, ao passo que também alguns componentes da mesa de honra, debruçavam-se sobre suas cadernetas em cima da mesa. Quanta “blabláçãõ”!

Ao fim dos discursos, saiu do salão da abertura do evento, se decepcionou com os amigos que saíram do auditório, indo sentar-se na grama dos jardins hoteleiros onde estavam a trocar anedotas. Ao mesmo tempo, outros jovens namoravam, jogavam bola, tocavam violão, etc.

Piedro “boiou”, ficou só a aplaudir e sorrir.

E após as variadas e importantes coisas que fez no dia, chegou à noite no seu momento de reflexão antes de dormir: “Eu não fiz nada que queria. Eu voltei a agir uniformemente e contra minha vontade. Mas amanhã eu vou me revelar, quando acordar eu vou gritar isso. Eles vão ver!”

E novamente chegou à noite do outro dia dizendo: “Não consegui fazer o que pretendia ontem e antes de ontem, mas... não é assim tão mal. Eu tô começando a aceitar.”

— Piedro, que tipo de música você curte? — perguntou a representante maranhense.

Piedro, apesar de ser um tanto eclético, embriagava-se de rock’n’roll, tendo no topo da lista de suas preferências o *hardcore*. Mas ao ver que a moça guardava um CD de *funk*, se contentou em dizer:

— Eu gosto muito de *funk*.

— Sério? Que tipo de *funk*?

— Ahn... Bem... Um que nem esse que você carrega pra fora da mochila.

— Hahaha. Tá bom, vou fingir que acredito em você.

— É... pode ser.

E como quase sempre ocorre, alguns segundos de silêncio pairam no ambiente, sucedidos por risadas tímidas, enquanto se olham com auto teor de desejo e romantismo.

Piedro e a garota do norte brasileiro acabaram se beijando.

Parou de indagar nesse terceiro dia de sua semana de viagem. Só programando: “Quando eu voltar de viagem eu penso nisso. Por enquanto isso aqui tá bom assim. Depois eu me avalio. Só semana que vem!” Então esqueceu de vez suas idéias, seus credos e seguiu caminho, ou melhor, desviou-se do caminho que deveria percorrer.

Todos no meio em que ele estava eram jovens e talvez por isso tenha se deixado influenciar pelos costumes festivos e brincalhões de adolescentes. Então se desvencilhou dos seus dogmas católicos e dos santos em prece. Convenceu-se de que nenhuma doutrina, nenhuma propaganda lhe satisfaria e que deveria achar motivos pra ser e viver intensamente. Interpretou que aproveitar o momento seria bagunçar, namorar e se juntar à galera. Fez isso.

Só algumas vezes, na noite, no escuro, solitário com seu pensamento, sem a tocante influência de seus amigos é que se redimia e enxergava em si mesmo um brinquedo torto, cada vez mais torto. As memórias de seu dia e do que acontecia antes de tudo chegavam rápidas e interpretadas: “Como eu sou burro!”

Ao acordar no último dia daquela semana, no sábado, começou a se mostrar. Já tinha liberdade pra isso. Foi reprimido por muitos, mas em compensação se identificou mais com Jéssica, da Bahia e Augusto, de Minas Gerais.

Piedro, durante o evento, em alguns encontros nos grupos de trabalho, já havia reprimido Jéssica, a baianinha com quem agora se entendia melhor.

Sentiu-se envergonhado a todo o momento e pedia desculpas pelo que havia feito com ela. O arrependimento vinha à tona, mas de que adiantava? Os desfeitos não desapareceram através do perdão concedido. A menina perdoara e forçara por esquecer o ocorrido.

Infelizmente, parecia que era tarde pra reparar esses erros, pois já era o último dia, e talvez nunca mais veria seus amigos. Porque segurou uma máscara horrível por tanto tempo na frente da própria face envergonhada?

Triste...

Depois de recobrar os sentidos e desativar a própria armadura, se inscreveu no concurso de reparar suas faltas íntimas... as falhas sociais são detalhes incomensuravelmente ínfimos aos olhos agora esclarecidos do garoto.

Catastroficamente, chegando o fim do evento de arte jovem, Piedro foi embora de ônibus pra Goiás sem ao menos saber, ao certo, o que foi fazer no Distrito Federal.

Intrigado, após algumas semanas em casa, revirou o material que havia recebido durante as discussões do evento. Leu atenciosamente, observou, pensou e logo começou a promover discussões sobre o assunto com seus colegas de escola, com seus pais, enfim, com quem conversasse.

Então, numa conversa informal junto a dois colegas, decidiram investir num grupo de teatro local. Algo pra diversão e também informação.

Soube-se depois, via internet, que o aparentemente mais desinteressado do evento, Piedro, foi o único que demonstrou resultados após seu retorno para casa. O grupo de teatro tomava destaque, mas estacionou após alguns meses.

meninos. Mesmo assim, não queria deixar a máscara da perfeição cair, só quis desistir. Pode ser por coragem, mas não desistiu! Forçou seus neurônios, exercitou a paciência, mas estava a beira de “cortar os pulsos”... Os pulsos de quem se esforçou, tentou... e recebendo recompensa ou não continuou a erguer o peso. Tudo já valia a pena, Piedro já estava mais forte, só que, desde então, arregaçava as veias à flor da pele e as facas pontiagudas já estarecidas nas duas mãos...

E um dia desistiu. Não teve pressa de anunciar. Afogava-se na indecisão entre contrariar seu mestre (a máscara do perfeccionismo) e desiludir sua alma, na confraria da obrigação.

Suicídio... sim ao suicídio!

Ele se suicidou e depois mencionou: “Sempre que preciso, suicide-se, é muito bom!”

Essa era a primeira vez que suicidava. Sim! Suicídio... mas de seus ideais. Não agüentou e jogou abismo abaixo os planos que, em loop, lhe rodavam a cabeça. Se matar de vez em quando é bom! Faz renascer outros “de você”.

Com peito aberto, desistiu... Mas não só desistiu calado. Foi assim porque explodiu. Gritou para todos, pulou, esbofetou as oportunidades que não queria e quebrou a máscara de bom moço. Abriu seu pensamento, nos livros e nas músicas, a platéia foi indo embora. Acharam o copo muito quente pra se beber, eram pessoas muito frias, o choque mental é ainda mais potente que o térmico.

Finalmente, depois de pensar, falar, comprar, beber, experimentar de tudo, leu, escolheu, entrou subitamente e fugiu ainda mais rápido, só voltando de

vez em quando pra sentir a força impactante das palavras sopradas em forma de memória. E pra sentir os risos deixados ali. Sempre estiveram ali.

Piedro sabia que um dia poderia olhar pro alto novamente e enxergar um céu mais azul. Talvez faça tudo de novo, tenha o mesmo mérito e caia nos mesmos buracos. Pois é bom que algumas idéias se suicidem, antes que elas cometam homicídio qualificado em nós.

Palavras de Piedro:

— Senti vergonha de assumir que acreditava em teorias revolucionárias, adorei compartilhar risos falsos com quem não tinha nada melhor pra oferecer, vi pessoas errarem, errei, criei meu sistema, reinstalei quando foi preciso, espatifei algumas máscaras, avaliei meus resultados, compreendi os muros que a humanidade impõe, tentei quebrá-los, ignorei romances, busquei analogias, fisghei olhares no escuro, pensei, não admiti ordens do mestre, fui demitido, me internei num paraíso pra relaxar, quando muitos caíram no chão eu também caí, mas me levantei, olhei minha posição na vida de todos e por fim me olhei no espelho pra ver se sou parecido com meus pais. Parecido eu sou, mas eu sou um indivíduo e por mais influência que eu receba, sempre serei único.

— Hoje estou casado, 37 anos. O tempo passou, ganho bem como ator, gravei em mim a paixão pela Jéssica, minha esposa e namorada desde aquela época aos dezoito anos, quando a abstinência pela popularidade passou e meu orgulho cessou.

— Por fim, me atrevi, lutei, cansei, resisti, desisti... acreditei que não é assim tão mal, tive paciência e meus Pulsos ainda estão aqui, com poucas marcas na pele ainda. Estou guardando pro final que não chegará... A menos que eu fuja, como aos dezoito anos, pela saída de emergência. Acho que sou o Piedro...



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br